

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O NOVO PLANO DE 7 ANOS DA ECONOMIA DA URSS SERÁ UM NOVO TRIUNFO DO POVO SOVIÉTICO

Jornada de trabalho de 6 horas — Semana de 5 dias**Aumento para o dobro dos salários dos trabalhadores menos remunerados!**

O próximo XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética, a realizar em Janeiro do próximo ano, terá uma enorme repercussão em todo o mundo. O plano de 7 anos para a economia soviética significará um novo e poderoso impulso na vida do povo soviético e um novo aumento substancial do potencial económico de todo o campo socialista.

Os povos do mundo seguem interessados os progressos gigantes do país dos Soviéticos. Também o nosso povo acompanha e apoia com entusiasmo o esforço dos soviéticos para edificar a sociedade comunista e para fazer do seu país o maior baluarte da Paz e do bem-estar dos povos.

Na reunião recentemente realizada do Pleno do Comité Central do P.C.U.S. foram examinadas as Teses do Informe de N. Khruchtehov para o próximo XXI Congresso do Partido que apresentará os índices da economia nacional da URSS para os anos de 1959-1965.

Publicamos a seguir o resumo dessas teses, dado o interesse que oferecem para os leitores do «Avante!».

Emulação pacífica entre o socialismo e o capitalismo

Em 41 anos do poder soviético, os trabalhadores da União Soviética puseram fim ao atraso secular da Rússia, e criaram uma potente economia e uma cultura altamente desenvolvida. Pelo volume da produção industrial, a União Soviética ocupa o primeiro lugar na Europa e o segundo no mundo. Os kolchozes e sovkhoszes converteram-se em grandes fazendas economicamente fortes, que dispõem de grande quantidade de maquinaria e de pessoal competente e experimentado. Criaram-se, por isso, na União Soviética as permissas para um progresso ainda mais acelerado em todos os aspectos da vida.

Nas Teses do Informe de N. Khruchtehov destaca-se que o problema fundamental dos próximos 7 anos é o problema de ganhar o máximo de tempo na emulação económica pacífica do socialismo com o capitalismo.

Em resultado do cumprimento do plano septenal dos anos de 1959-1965, será dado um passo decisivo ao cumprimento da tarefa fundamental económica da União Soviética: alcançar e ultrapassar, num prazo historicamente breve, os países capitalistas mais desenvolvidos na produção por habitante.

Um novo salto na industrialização do país

Quais são os principais índices de controle do plano septenal no terreno económico?

O volume geral da produção industrial em comparação com este ano será aumentado dentro de 7 anos em 80% aproximadamente. O projecto para 1965 prevê a produção de 65 a 70 milhões de toneladas de ferro e de 86 a 91 milhões de toneladas de aço. O que supera em mais de metade o nível deste ano.

O plano prevê também o desenvolvimento acelerado da indústria química e especialmente da produção de materiais sintéticos. A produção das fibras sintéticas mais valiosas, por exemplo, aumentará 12 a 14 vezes.

Projecta-se dar a preferência ao incremento da extracção e produção de combustíveis mais económicos: o petróleo e o gás. Prevê-se a elevação da extracção de petróleo de 230 a 240 milhões de toneladas, ou seja duplicar o nível deste ano.

Concede-se grande importância no plano septenal ao prosseguimento da electrificação do país. A produção de energia eléctrica de 1965 mais do que duplicará em relação ao nível actual, subindo a 500 ou 520 biliões de quilovátios-hora. Projecta-se, também, elevar nos 7 anos quase para o dobro a produção de maquinaria e a laboração de metal.

Prevê-se realizar nesses 7 anos importantes medidas para a aplicação civil da energia atómica.

Mais artigos para o povo

O elevado ritmo do desenvolvimento projectado na produção de artigos de consumo popular, permitirá à União Soviética, ao terminar os 7 anos, aproximar-se do nível dos Estados Unidos, tanto no volume geral da produção como na produção por habitante.

Nos anos de 1959-1965 prevê-se a construção e a entrada em serviço na União Soviética de aproximadamente 270 grandes empresas de indústria ligeira. Em 1965 a União Soviética alcançará e ultrapassará os países capitalistas mais desenvolvidos quanto ao nível de produção por habitante de vários e importantes artigos de alimentação. Na esfera da agricultura as cifras do plano septenal também apresentam um grande progresso em comparação com o nível actual. Projecta-se, por exemplo, elevar a colheita anual de cereais em não menos de 164 milhões de toneladas. A colheita de cultivos indus-

GREVE VITORIOSA DOS PESCADORES DE BACALHAU

Os pescadores de bacalhau, quando se encontravam na Terra Nova, foram surpreendidos por um temporal que forçou todos os barcos a procurar abrigo. Depois, os pescadores recusaram-se a voltar à faina sem que lhes fossem aumentadas as soldadas. Os pescadores «verdes», que ganhavam 3.500\$00, pediam 4.500\$00, e os «maduros», que ganhavam 4.000\$00, exigiam 5.000\$00. As autoridades começaram a fazer prisões entre os grevistas e a levá-los presos para bordo do «Gil Eanes». Os pescadores informaram os capitães que, se quisessem forçá-los a ir para o mar, escaqueirariam tudo na faina. A greve durou 27 dias. Foi-lhes prometido que ganhariam na próxima faina as soldadas por eles exigidas e foram libertos todos os pescadores presos.

tria, assim como a produção pecuária, também alcançará um nível muito superior ao actual. As indústrias desempenharão um papel considerável no novo desenvolvimento da agricultura. Em 7 anos quase triplicará a produção de adubos químicos. O número de tractores, ceifeiras-debulhadoras nos campos crescerá em quase um milhão e meio. Um traço distintivo nos próximos 7 anos será o ritmo de construção, que não terá precedentes. O volume de inversões de capitais do Estado na economia nacional será quase igual ao volume das inversões em todos os anos do poder soviético.

Elevação do nível de vida

Uma parte especial das teses do Informe de N. Khruchtehov é dedicado ao novo e próximo incremento do bem-estar da população do país.

Sublinha-se nas teses que o incessante crescimento do bem-estar do povo é o traço característico do desenvolvimento da sociedade soviética.

A renda nacional, que na União Soviética é uma renda autenticamente popular, utiliza-se nos interesses do sistemático aumento do nível de vida do povo e para ampliar a produção socialista. A renda nacional de 1965 aumentará em 62 a 65%, em relação a 1958.

Nos próximos 7 anos, projecta-se uma melhoria radical das condições de habitação da população. Nas cidades e vilas operárias edificar-se-ão casas com a superfície habitável de 650 a 670 milhões de metros quadrados. Nas localidades rurais construir-se-ão cerca de 7 milhões de casas.

Continuará aumentando no país o número de operários e empregados, ao mesmo tempo que continuarão melhorando as condições de trabalho. As receitas reais dos operários e empregados, assim como dos kolchozianos, aumentarão em 40%, durante os 7 anos. Projecta-se aumentar quase para o dobro o salário dos operários e empregados que recebem baixas remunerações e continuar melhorando o sistema de pensões. Continuará na União Soviética a redução do tempo de trabalho até 7 ou 6 horas sem diminuição de salário. Projecta-se instaurar a jornada de 5 dias, ou seja estabelecer 2 dias de descanso semanal. Deste modo ficará a União Soviética a ter a jornada de trabalho e a semana de trabalho mais curtas do mundo.

No decurso dos anos de 1959-1965 aumentarão notavelmente na União Soviética as verbas do Esta-

do para a saúde, cultura e ciência. Nesses 7 anos sairão dos centros superiores do país 2 milhões e 300 mil especialistas, com a particularidade de que se prepararão quase o dobro dos engenheiros do que nos 7 anos precedentes. Projecta-se realizar várias medidas práticas no sistema de instrução, aproximando o ensino dos jovens da vida prática.

Alcançar e ultrapassar os países capitalistas mais desenvolvidos

O cumprimento do plano septenal — indica-se nas Teses do Informe de N. Khruchtehov — será uma nova e importantíssima etapa na emulação económica pacífica do sistema socialista com o capitalista.

A União Soviética passará a ocupar o primeiro lugar na Europa na produção por habitante. Em 1965 a União Soviética superará a produção absoluta de alguns dos principais produtos e noutros se aproximará do nível actual da produção industrial dos Estados Unidos. Nessa data, a produção dos géneros mais importantes da agricultura no seu conjunto, e por habitante, terá ultrapassado o nível actual dos Estados Unidos.

A superioridade da União Soviética no ritmo do desenvolvimento da produção será uma base real para num prazo aproximado de 5 anos, a partir de 1965, alcançar e ultrapassar o nível de produção por habitante dos Estados Unidos. Desse modo, a União Soviética ocupará, então, o primeiro lugar no mundo, tanto no volume absoluto da produção, como na produção, por habitante. Isso assegurará o mais alto nível de vida da população da URSS e será uma vitória transcendente universal do socialismo na emulação pacífica sobre o capitalismo.

Em resultado do cumprimento do plano septenal, crescerá consideravelmente a parte da União Soviética e de todo o sistema socialista na produção industrial mundial.

Em 1965 os países socialistas produzirão mais de metade da produção industrial mundial.

Nas Teses do Informe de Nikita Khruchtehov sublinha-se que o plano septenal é uma proposta concreta da União Soviética ao mundo capitalista para a emulação no terreno económico pacífico.

O plano septenal é uma prova de que na União Soviética e em todo o sistema socialista mundial não há, nem pode haver, forças sociais interessadas na expansão exterior, na tensão internacional, nas guerras de conquista e agressão. A Paz é uma condição indispensável para cumprir e vencer as gigantes tarefas que a União Soviética traça no seu plano septenal.



Um grupo de camponeses relata

O QUE FOI A GREVE DO COUÇO

Passaram já alguns meses. Mas poderão passar muitos anos que quem viveu os «dias heróicos» de Junho de 1958 na região do Couço, não mais os esquecerá. Há um misto de orgulho e de entusiasmo, mas também de saudade, nos olhos de quem nos conta esses acontecimentos. Procurámos ser fiéis no que nos contaram para que o relato guardasse algo de vivo e de vivido.

O começo da greve

«Começou a soar que no dia 23 de Junho se ia para a greve de protesto contra a burla eleitoral do dia 8. Temendo uma greve na Freguesia do Couço, o posto da GNR foi reforçado com uma brigada da PIDE e uma força da GNR do posto de Coruche chefiada por um alferes. Foram logo feitas 4 prisões para aterrorizar a população. Estas prisões apenas criaram um estado de maior indignação e ódio, pelo que no dia 23 de manhã a greve era total. Mais de 4 mil pessoas, homens, mulheres e crianças, cercaram o posto da GNR e aos gritos de «*Abaixo a tirania!*», «*Abaixo o fascismo!*», «*Viva a Liberdade e a Democracia!*» e vivas ao Dr. Arlindo Vicente e ao General Humberto Delgado, e «*Queremos os homens em liberdade!*», «*Bandidos!*», «*Canalhas!*», «*Assisinos!*», «*Não os levaram para os torturar!*» e «*Daqui ninguém sairá com vida se os homens não forem postos em liberdade!*», exigiam a libertação imediata dos 4 presos. O alferes, a GNR e a PIDE correram aos telefones a pedir sócorros, mas os telefones estavam cortados. Então o alferes, numa atitude provocatória, atirou-se 3 vezes para cima da multidão com jeep, mas o povo não ardeou pé e à terceira vez cerebrou o jeep e ameaçou o alferes se não se deixasse daquela brincadeira perigosa e não pusesse os presos em liberdade. O alferes ainda tentou intimidar a multidão perguntando quem eram ali os representantes do povo. A multidão respondeu: «*Somos todos que representamos o povo, assaltamos o posto, fora os bandidos!*» O alferes, vendo que a coisa se complicava e que a multidão não tardaria em dar o assalto, deu ordens para serem soltos os 4 presos.

A satisfação da vitória

Deu-se então a grande manifestação de vitória. Aos gritos de «*Vitória, vitória!*», com os 4 presos aos ombros, com cartazes e vivas à Liberdade, à República e à Democracia, vivas ao Dr. Arlindo Vicente e ao General Humberto Delgado, abaixo à tirania e aos assassinos da PIDE, fóras a Salazar e à sua camarilha, todo o povo percorre as ruas, cantando-se «*A Portuguesa!*».

Os agrários da região fugiram apavorados para Lisboa, ao mesmo tempo que telefonavam para todos os postos da GNR mais próximos: Évora, Portalegre, Estremoz, Elvas, etc. Imediatamente em carros de combate e com metralhadoras, mais de 300 GNR e muitos PIDE ocuparam a região especialmente a Freguesia do Couço, onde cada

rua tinha 4 e 5 patrulhas armadas de metralhadoras. Desencadeiam o terror, agredem as pessoas, não consentem ninguém nas ruas, às portas ou às janelas. Um capitão da GNR ofende uma jovem de 18 anos, que estava à porta com os mais grosseiros palavrões, a jovem dá-lhe uma tremenda bofetada que quase o atira ao chão. O capitão e algumas patrulhas da GNR procuram later na rapariga, mas o pai sai para a rua em sua defesa, assim como muito povo, e a GNR teve que recuar.

A greve alastra

O povo não se intimida com o aparato repressivo e no dia 24 organiza-se em grupos de 70, 100, 200 e mais pessoas, homens, mulheres e crianças, e marcham uns para os lados de Coruche, outros para as barragens de Montargil e Maranhão, outros para os canais e para Móra e Aviz. À sua passagem, outros ranchos de trabalhadores aderem à greve e todos cantam o hino nacional. Um rancho de 200 pessoas que foi à barragem de Montargil, quando lá chegou já contava com mais de 400 pessoas, e aos gritos de «*Fóra Salazar!*», «*Abaixo o fascismo e a tirania!*», toda a barragem largou o trabalho neste dia.

O movimento toma aspectos cada vez maiores. Só na Freguesia do Couço tomavam parte na greve mais de 6 mil pessoas: Carreiros, criadas, comerciantes, barbeiros, taberneiros, carpinteiros, proprietários, costureiras, todas as mulheres, homense crianças. O entusiasmo era delirante e ninguém temia a repressão. A GNR cercou um grupo de 70 pessoas e queria que dispersasse. O grupo resistiu e um GNR, vendo um soldado do 16 de Évora que fóra à terra, mandou-lhe um pontapé. Porém o jovem agarrou-lhe o pé e tirou-lhe a metralhadora. Os outros GNR correm para o soldado, mas os trabalhadores correm para os GNR. Um

bandido dum cabo fez então fogo para cima da multidão atingindo um trabalhador que foi levado para o Hospital de S. José em estado grave. O soldado foi preso para o Forte de Elvas.

Mas a greve não pára e, no dia 25, novos grupos saem a levantar mais ranchos. A GNR partia imediatamente a cercá-los, mas a malta sabia bem os caminhos e quando regressavam contavam novas vitórias. Devem ter estado em greve nesta região para mais de 10.000 pessoas.

As mulheres desempenharam um grande papel na luta da greve ao lado dos homens, tirando as ferramentas aos que hesitavam em entrar na greve. A greve durou para mais de 8 dias e só terminou com a brutal repressão da GNR e da PIDE, com a prisão de mais de 60 pessoas, sendo 13 mulheres, com a fuga de muitos trabalhadores para outras regiões para não serem presos.

Este terrorismo durou mais de 3 meses. A proibição de trabalho ordenada pela PIDE durou um mês, a ponto dos agrários também já andarem irados, pois queriam principiar os trabalhos.

Esta greve foi muito auxiliada por toda a gente do Couço. Os homens mais destacados eram guardados pela multidão, dormindo em casas diferentes daquelas em que a Guarda ou a PIDE podia ter a ideia de ir procurá-los.

Esta descrição mostra-nos o exemplo dum povo que decide arrostar, conscientemente, com a repressão mais brutal, numa jornada de luta pela libertação da sua Pátria.

O povo do Couço pagou um duro tributo à causa da democracia. 60 dos seus melhores filhos foram prisionados e jazem ainda nas masmorras salazaristas. Apelamos para a solidariedade de todos os trabalhadores portugueses e de todas as pessoas honradas para os trabalhadores do Couço atingidos pela repressão e para as suas famílias.

APROXIMA-SE O PERÍODO DO RECENSEAMENTO

Que os democratas se unam para formar em todas as freguesias Comissões que o organizem

No próximo dia 2 de Janeiro abre o período do recenseamento que termina no dia 15 de Março.

Todos os anos os democratas procuram organizar o recenseamento dos cidadãos portugueses com o objectivo de o tornar mais correcto e assim eliminar as arbitrariedades cometidas pelos elementos salazaristas que só querem recensear quem lhes agrada.

Para poder mobilizar os portugueses para o recenseamento é necessário, antes de tudo, divulgá-lo pois há muita gente que não sabe quando ele se realiza. Depois é preciso explicar muito bem o que se deve fazer, e mesmo ajudar as pessoas a fazê-lo.

Como se sabe, nas últimas eleições, além das pessoas que os salazaristas cortaram do recenseamento, houve muita outra gente que não pôde votar por que não se tinha inscrito a tempo.

Por tudo isto é muito necessário que se criem Comissões pró-recenseamento para tratar do assunto.

Além disso é importante que, em cada freguesia se crie um posto ou centro de recenseamento, isto é, um local conhecido de toda a gente onde se explica o que se deve fazer. Terá também interesse a ida em grupo à Junta de Freguesia onde normalmente se realiza o recenseamento.

Como se disse este começa o primeiro dia útil do próximo ano e por isso não é cedo para tratar da sua organização porque importa muito começar o recenseamento logo no princípio. É vulgar deixar-se para o fim mas a experiência tem sempre mostrado quanto isto é prejudicial.

Existem dois recenseamentos: o recenseamento dos eleitores do Presidente da República e dos Deputados à Assembleia Nacional e o recenseamento dos eleitores das Juntas de Freguesia.

Visto que as eleições das Juntas de Freguesia foram adiadas e prevendo-se que elas se realizem em 1959, é muito importante que se

Os corticeiros...

(continuação da 3.ª pág.)

ministro mas apesar do despacho ministerial a fábrica não voltou a abrir, dizem-se que fechou definitivamente. Isto mostra que o despacho do ministro não representa nenhuma garantia séria contra os despedimentos.

Luta no Algarve

Em Faro continuam as concentrações na sede do Sindicato, pedindo o aumento de 40% nos salários e a garantia dos 6 dias de trabalho. A Direcção do Sindicato prometeu ir falar com o delegado do I.N.T. e expôr-lhe as reivindicações da classe. Porém a Direcção falhou a sua promessa, o que indignou os operários, que resolveram fazer novas concentrações.

Em Silves os corticeiros reuniram-se mais uma vez, no dia 28 de Outubro, e resolveram fazer concentrações no Sindicato exigindo a satisfação das suas aspirações.

Unir para vencer

Os corticeiros continuam a lutar firmemente pelas suas reivindicações, sem que a sua combatividade seja quebrada pelas promessas e atitudes demagógicas do governo e das autoridades.

Por outro lado, a classe corticeira deve lutar unida, sem dar ouvidos às intrigas daqueles que procuram enfraquecê-la, desunindo-a. Tal é o caso do padre da Amora que, numa altura em que altos dignitários da Igreja se põem ao lado dos trabalhadores contra a política monopolista do governo, procura semear a discórdia entre a classe corticeira, induzindo os operários da Amora a isolarem-se dos seus companheiros.

O desmascaramento e o combate a todas as manobras divisionistas, venham donde vierem, deve ser um dos aspectos da luta da classe corticeira pelos seus objectivos comuns. Só lutando unidos, os operários poderão impedir que o governo prossiga na sua política anti-nacional e anti-popular, e que a classe se veja condenada ao desemprego e à miséria.

dêa este recenseamento um cuidado maior. Ele refere-se só aos chefes de família e as operações necessárias podem tornar-se mais fáceis desde que se organize com tempo.

Aliás o governo já anunciou que ia «*actualizar*» esse recenseamento, o que significa que, se não houver uma acção unida e forte por um recenseamento correcto, o governo tratará de lhe dar o conteúdo que mais lhe convenha. Esta foi mesmo uma das razões que levou ao adiamento ilegal destas eleições.

Em resumo — é necessário desde já organizar Comissões para tratar do próximo recenseamento, que o divulguem largamente, que abram postos de recenseamento, que ajudem as pessoas a recensearem-se, que as conduzam mesmo às Juntas de Freguesia para se recensearem. Importa, além disto destacar o recenseamento dos eleitores das Juntas de Freguesia dada a proximidade destas eleições.

BEVAN NÃO PÔDE

ENTRAR EM PORTUGAL

Um grupo de democratas convidou o destacado dirigente do Partido Trabalhista Britânico e amigo ministro Aneurin Bevan a vir a Portugal. Tal convite foi aceite e marcado a sua chegada para o dia 11 de Novembro.

Nada de mais natural... num país onde Salazar não mandasse.

Mas Salazar é quem manda e, por isso, em nota ofensiva, publicada nos jornais do dia 11 de Novembro, não autorizou da visita de Aneurin Bevan.

Não obstante ser do domínio público que o dirigente trabalhista se propunha falar sobre «A Democracia no Mundo», a razão apresentada para este acto pouco diplomático, sem dúvida, mas, mais do que isso, arbitrário, tipicamente salazarista, foi a de que tal visita, representava «intromissão de estrangeiros nos assuntos e na marcha da política interna portuguesa».

Salazar tem medo do povo e teme igualmente que observadores estrangeiros bem informados possam constatar directamente a repulsa do nação pelo regime.

Não deixa de ser divertido que o governo salazarista se mostre preocupado com a intromissão estrangeira, que pretenda dar lições de patriotismo, e que segua fielmente as directrizes ditadas pelos imperialistas que dominam a economia e a política nacionais.

A proibição da visita de Aneurin Bevan, é mais um claro sintoma da frequência do regime salazarista. Contra esta arbitrariedade deve manifestar-se a repulsa de todos os opositores.

OS CORTICEIROS CONTINUAM A LUTA CONTRA OS DESPEDIMENTOS

Como noticiámos, o Ministro das Corporações viu-se obrigado em virtude da luta dos corticeiros a prorrogar até 31 de Dezembro o prazo para a revisão dos quadros do pessoal permanente.

Esta vitória parcial dos operários não resolve porém, o problema do desemprego, de que continuam ameaçados.

Assim o compreenderam os corticeiros, que se não deixaram adormecer à espera do resultado da sua exposição entregue na Assembleia Nacional, e se lançaram em novas acções.

Assembleias e concentrações na Margem Sul

Entre estas acções destacam-se várias diligências feitas junto dos deputados pelo distrito de Setúbal. Um dos deputados prontificou-se a ajudar os trabalhadores, mas os outros recusaram-se a recebê-los.

A comissão falou igualmente com o Governador Civil, depois deste a fazer esperar 3 horas, mas ele declarou que era impossível impedir os despedimentos, pois a indústria está em crise por falta de

mercados. Também o sub-delegado do I.N.T. se recusou a dar uma resposta satisfatória às justas reclamações dos operários.

As comissões representativas da classe são apoiadas e impulsionadas pelas massas que as elegeram, e às quais prestam regularmente contas das suas diligências. Só no período de um mês, os operários do Barreiro, Alhos Vedros, Seixal e Amora reuniram 10 Assembleias, num total de cerca de 900 participantes. Os operários mostraram-se dispostos, caso sejam despedidos, a forçar os patrões a aceitá-los e a resistir por todos os meios a qualquer acção das autoridades no sentido de os expulsarem pela força.

Entretanto, os corticeiros continuam a concentrar-se nos sindicatos e na gerência das empresas. Assim, no dia 13 de Outubro, cerca de 180 trabalhadores do Barreiro e Alhos Vedros, entre os quais 100 mulheres, acorreram ao Sindicato. Como não encontrassem o presidente, foram buscá-lo à casa e escoltaram-no até ao Sindicato. O presidente aconselhou calma e fez vagas promessas de que a situação

ja melhorar. No dia 17, uma comissão de operários da Mundet foi recebida em Lisboa pela direcção da empresa. Aí eles apresentaram as reivindicações da sua classe:

a) Que sejam garantidos os 6 dias de trabalho a todo o pessoal do quadro permanente e do quadro adventício.

b) Readmissão do pessoal adventício despedido.

c) Manter a fabricação da rolha na Amora e dos discos no Seixal.

d) Fazer uma exposição assinada por patrões e operários pedindo ao governo o estabelecimento de relações comerciais com todos os países como única forma para debelar a crise que afecta patrões e operários.

No dia 13 de Novembro novamente 130 operários e operárias do Barreiro e de Alhos Vedros se concentraram no Sindicato, exigindo que a Direcção apoiasse as reivindicações da classe. Os trabalhadores junta ram-se à porta do Sindicato e aí fizeram um comício com a assistência de muitos operários da C.P. que demonstraram aos corticeiros a sua simpatia e solidariedade.

Os operários da «Virgílio Sanches», de Alhos Vedros, foram várias vezes ao Sindicato e, finalmente, concentraram-se junto do portão da empresa, em virtude de terem sido todos despedidos e a fábrica encerrada. Cedendo à luta dos operários, a fábrica reabriu e continua a funcionar.

Uma comissão de operários da Mundet do Seixal reuniu-se com os seus colegas da Amora, tendo sido decidido fortalecer ainda mais a unidade de toda a classe.

Não há garantia contra os despedimentos

Também em Lisboa, só numa empresa foram aqui recolhidas cerca de 80 assinaturas para a exposição apresentada na Assembleia Nacional. Depois disso uma comissão de 12 corticeiros foram ao sindicato para que a direcção deste se juntasse às outras em defesa da classe, mas o presidente afirmou que só o faria se os outros o procurassem.

Entretanto, por volta de 15 de Outubro, a fábrica Hauser & Fernandes fechou. Pressionada pelos trabalhadores a direcção do sindicato decidiu-se a ir falar com o (continua na 2.ª pag.)

UMA GREVE VITORIOSA DOS ESTUDANTES DE COIMBRA

Depois de terem prometido adiar, a seu pedido, a data dos exames de Outubro aos estudantes da Universidade de Coimbra, o Reitor e o Ministro da Educação mantiveram à última hora, e sem prévia preparação dos estudantes, a data antes estabelecida.

Como protesto, os estudantes das faculdades de Medicina e Direito fizeram greve, recusando-se a comparecer aos exames. Alguns estudantes de Farmácia não aderiram e compareceram, mas ficaram quase todos reprovados nas provas.

Em face da atitude firme dos estudantes de Medicina e Direito, o Reitor e o Ministro resolveram marcar nova data para os exames de acordo com o pedido dos estudantes.

Os trabalhadores lutam

Após alguns meses de incessantes pedidos, houve um aumento geral de salários na «CEL» (Venda Nova) entre 3\$50 e 5\$00 (um operário teve o aumento só de 2\$40).

Entretanto o aumento não corresponde ao que os operários reclamavam pelo que não ficaram satisfeitos e fizeram-no sentir à gerência. Esta já disse que procedeu só a um reajustamento de salários prometendo para mais tarde um novo aumento.

Lutas contra o desemprego e pelo aumento de jornas

No passado mês de Setembro realizaram-se em Beleizão concentrações de 30 e 40 desempregados na Casa do Povo, pedindo trabalho. Foram mandados 15 homens para a estrada da Ratoeira onde lhes quiseram pagar 18\$00 e 20\$00. Em face disto não pegaram no trabalho e foram protestar à Casa do Povo.

No Covoão, um rancho de 30 trabalhadores, que apanhava azeitona ao agrário Alberto Pinto Menêres, lutou por um aumento de preço. O agrário só queria dar 15\$00 e os camponeses reclamavam 18\$00. Os trabalhadores abandonaram o trabalho e o agrário foi forçado a dar 18\$00.

Em Galveias, depois da Câmara ter despedido vários trabalhadores, cerca de 60 concentraram-se em frente do posto da GNR a exigir trabalho. O tenente da GNR de Ponte de Sôr, que chegou nesse dia à noite, reuniu com os agrários para resolverem a situação. Cerca de 40 trabalhadores foram divididos pelos agrários. Alguns foram para a casa Marques Ratoão. Um dos directores mandou-os para uma propriedade que fica a 30 kms. de Galveias, sem lhes porem transporte ao dispor. Todos se recusaram a ir trabalhar nestas condições.

Actualmente todos trabalham, uns para os agrários, outros em Aviz.

Em Alpiarça dois ranchos de mu-

lheres, que andavam na apanha da azeitona por uma jorna de 12\$50, uniram-se e pediram ao patrão 15\$00. Como este recusasse, as camponesas de Alpiarça estiveram dois dias em greve. Entretanto acabaram por aceitar os 12\$50.

Se tivessem mantido a sua posição firme e tivessem apelado para a solidariedade dos outros trabalhadores, as camponesas de Alpiarça teriam conseguido arrancar a jorna de 15\$00.

Os cerâmicos lutam

Na fábrica de cerâmica de Joaquim Amado, no Montijo, os operários foram ao Sindicato para reclamar e exigir o cumprimento do último decreto, que estabelece aumento de salários para esta classe. O dono da fábrica, depois desta reclamação, despediu alguns operários e outros ficaram a trabalhar só 3 dias, havendo ainda outros que fazem os 6 dias mas não receberam qualquer aumento. Só continuando e intensificando a sua luta os operários conseguiram fazer aplicar o contrato.

Também na fábrica da Vista Alegre gerência, para fugir à aplicação do contrato, queria que os operários assinassem uma declaração em como aceitavam baixar de categoria. Todos os operários, como um só homem, se recusaram a assinar tal declaração e exigiram a aplicação integral do contrato.

Uma vitória dos pescadores de Matosinhos

Depois de várias acções, que chegaram a ir até à importante greve de Junho passado, os pescadores de Matosinhos conseguiram obter uma das suas reivindicações: a baixa do preço do gazóleo de 2\$00 para 1\$20, como aliás é fornecido aos arrastões

A luta dos conserveiros de Portimão

A fábrica de vasio Feu Hermanos fechou. Mais de 60 operários fica-

ram sem trabalho e na miséria. Mas os operários não se deram por despedidos e recusaram-se a receber a indemnização que o industrial lhes queria dar, aparecendo todos os dias ao trabalho e lutando ao mesmo tempo para que a fábrica encerrada volte a laborar. Já vai para dois meses que esta luta dura, tendo os operários enviado já ao ministro um abaixo assinado de todos os operários de vasio a protestar contra a situação que lhes foi criada. Também uma comissão foi ao Sindicato protestar contra o encerramento da fábrica e para que esta volte a trabalhar.

Na fábrica de conservas Portuguesa Industrial, onde trabalham mais de 100 operárias, foram despedidas duas mulheres sem motivo. Isto provocou grande indignação entre todas as operárias que, num belo gesto de solidariedade e de unidade, largaram o trabalho como protesto contra o despedimento das suas duas companheiras, declarando que não voltariam mais ao trabalho sem que estas fossem primeiro readmitidas. O patrão teve de recuar e de dizer às operárias que retomassem o trabalho porque as duas mulheres despedidas voltariam aos seus lugares.

Protesto contra o aumento das contribuições

No dia 8 de Outubro, as salas da Câmara Municipal de Grândola foram invadidas por muitos contribuintes (na maioria mulheres) que foram protestar contra o facto de pretenderem cobrar as contribuições dos anos passados na base do aumento feito no último ano, chegando ao roubo ao ponto de quererem cobrar contribuições com 3 anos de atraso na base do aumento efectuado no último ano. O presidente e funcionários da Câmara procuraram acalmar os protestantes, dizendo-lhes que eram «ordens vindas de cima» que eles tinham de cumprir. Há grande indignação.

PELA SUSPENSÃO DAS EXPERIÊNCIAS ATÓMICAS!

— A Academia de Ciências de Lisboa apoia esta campanha

Respondendo ao apelo de uma Universidade de Tóquio que solicitou o apoio da Academia de Ciências de Lisboa para que se consiga a imediata suspensão das experiências atómicas, esta «de acordo com as mensagens de Pio XII e de Einstein, acompanhando a atitude da Academia de Ciências de Paris, dá o seu solene apoio a esta urgente iniciativa» como anunciou o Prof. Pereira Forjaz na sessão de 6-XI-58.

Com esta louvável posição a Academia de Ciências de Lisboa incorpora-se no vastíssimo movimento para a cessação das experiências atómicas, movimento que no nosso País, mau grado todas as dificuldades que as autoridades salazaristas lhe têm levantado, vem ganhando uma amplitude cada vez maior, com especial relevo para certos sectores da imprensa, particularmente para «O Século» que ainda a 31-X-58 afirmava: «*Só um vasto movimento da opinião pública mundial é capaz de fazer ultrapassar o ponto morto em que as negociações caíram.*»

A afirmação de «O Século» vem ao encontro do que tantas vezes temos defendido e ganha um especial interesse, agora, que os Estados Unidos rejeitaram, uma vez

mais, uma proposta soviética para a imediata suspensão das experiências atómicas, apresentada pelo delegado da URSS na Conferência que está decorrendo em Genebra. Novamente os Estados Unidos se agarraram à questão do «controle» para justificar a sua recusa como se não fosse cada vez mais claro para a opinião pública que o essencial, aquilo que deve constituir o primeiro passo, é o estabelecimento de um acordo que cesse imediatamente a realização das experiências, porque alcançado este todos os demais pormenores poderão ser facilmente regulados a seguir.

A posição da Academia de Ciências de Lisboa abre o caminho a todas as instituições culturais e científicas do nosso País para idêntica tomada de posição; sobre estas pesa, igualmente, a responsabilidade de interpretar os sentimentos do nosso povo apoiando a campanha para a cessação das experiências atómicas. Paralelamente a esta tomada de atitude, as instituições portuguesas da cultura e da ciência contribuiriam notavelmente para a resolução deste problema que tanto aflige a humanidade se, a exemplo do que têm feito as de outros países, fizessem escutar a sua voz na ONU e nas conferências internacionais que para o efeito se estão e continuarão a realizar.

Trabalhadores! ATENÇÃO ÀS PRÓXIMAS ELEIÇÕES SINDICAIS

— Lutemos, nos Sindicatos, pelo Aumento Geral dos Salários!

Apesar das limitações impostas pelo regime à acção dos sindicatos, estes podem ter uma actividade notável em defesa de alguns dos interesses mais prementes dos trabalhadores. Direcções sindicais formadas por trabalhadores honestos e com uma boa ligação com os seus companheiros de trabalho, podem exercer uma acção muito grande na defesa dum aumento geral de salários, na revisão de contratos ou acordos colectivos velhos e maus para os trabalhadores, na luta contra o desemprego, etc.

É esta a razão porque o regime de Salazar, recorre aos meios mais ilegais para impedir verdadeiras eleições.

Apesar disso é possível, e é cada vez mais necessário, lutar contra tais ilegalidades.

Hoje a classe operária tem de levantar uma tenaz luta pelo aumento geral de salários. Por isso tudo o que fizermos para conseguirmos eleições sérias que coloquem nas direcções dos sindicatos trabalhadores capazes de levarem essa luta para a frente, serão passos positivos que terão o apoio de todos os trabalhadores, independentemente das suas ideias políticas ou das suas crenças religiosas.

Só uma acção de esclarecimento paciente e persistente, que saiba

apontar as possibilidades de acção sindical (mostrando exemplos concretos de alguns casos) e que agarre bem as reivindicações fundamentais em cada sector, será capaz de mobilizar os trabalhadores para as próximas eleições sindicais.

Para levar por diante esse esclarecimento e mobilização será bom que, agrupando elementos de várias tendências, se formem **Comissões Sindicais** que discutam e assentem, com o apoio dos trabalhadores da classe, numa lista a ser votada e num programa mínimo a ser apresentado.

Esforços grandes devem ser realizados para que a Comissão Sindical e a lista a apresentar representem todos os trabalhadores do Sindicato, seja a expressão da sua unidade. É preciso que não se pretenda dar à lista uma composição sectária, voltada para um grupo, mas sim que ela represente, e bem, todos os trabalhadores.

Em alguns casos verdadeiros laços do salazarismo que não querem, de modo algum, unir-se aos trabalhadores, quererão impôr uma lista de maus companheiros de trabalho que não representam nem defendem os interesses dos trabalhadores. Mas então, se da parte dos trabalhadores houver um verdadeiro trabalho de unidade largo essa lista ficará completamente isolada e desmascarada.

Não se devem formar Comissões Sindicais só entre os trabalhadores dos sindicatos onde houver eleições. Em todos tais Comissões são necessárias porque elas serão o meio mais eficaz para unir as vontades dos trabalhadores no sentido de pressionar as Direcções Sindicais na defesa das suas justas reivindicações.

Além disso há muitos sindicatos onde permanecem Comissões Administrativas, e em outros estão instaladas direcções eleitas ilegalmente. Será necessário protestar contra estas situações e reclamar eleições que legalizem as direcções sindicais.

Em muitos sindicatos é também normal a apresentação do relatório anual e a essas reuniões não devem faltar os trabalhadores quer para discutir esse relatório quer para levantar, pelo menos antes da ordem de trabalhos, a necessidade das direcções sindicais fazerem esforços para conseguir a actual maior aspiração da classe operária — o aumento geral de salários.

Os dirigentes sindicais não podem permanecer indiferentes a esta profunda aspiração, mas só a pressão dos trabalhadores os levará ou ajudará a tomarem uma posição firme ante as imposições e mesmo ameaças do ministro.

Se soubermos criar Comissões Sindicais amplas, se soubermos levar os trabalhadores a reunir nos sindicatos e a discutir os seus problemas, se soubermos mobilizar os trabalhadores para irem eleger novas direcções bem representativas, poderemos criar uma força poderosa que divulgue e levante cada vez mais alto e fortemente a necessidade dum aumento geral de salários — um salário mínimo vital e uma escala móvel de salários.

NOTAS E COMENTÁRIOS

Além dos milhares de contos para despesas secretas que, pelo ministério do Interior, o Governo gastou durante as eleições, o que nos referimos num dos números anteriores, foram autorizadas, agora, pelo Decreto 41872 de 19 de Setembro, mais as despesas de 4 mil e quinhentos contos para gastos confidenciais e 1.000 para a defesa da polícia.

Que destino terão estes 4.500 contos? É fácil de adivinhar desde que não se exija mais do que as hipóteses possíveis; para a União Nacional, para o «Diário da Manhã» e para os espíritos da PIDE.

Entretanto, 48% das freguesias do País estão por escrivificar, mais de 26.200 povoações não possuem abastecimento de águas e 4.030 escolas e 1.209 postos de ensino estão sem professores.

O SNI, como todos os outros organismos do edifício salazarista, desenvolve um enorme esforço para vencer o isolamento e o desprezo a que foi votado pela inteligência portuguesa. O seu director, sr. M. Baptista, que ao que parece tem em alta conta o poder acrativo do dinheiro, anunciou no seu discurso de 26-X uma série de novos prémios do SNI, ao mesmo tempo que confessou desejar firmemente fazer deste a casa dos jornalistas, escritores e artistas de Portugal.

O peixe que quer pescar não cai com essa isca, sr. M. Baptista, até porque toda a gente sabe que os prémios do SNI são atribuídos apenas aos «reporteres objectivos» (1) como Dutra Faria, o homem que teve a desfaçatez de noticiar para o estrangeiro que os manifestantes de Lisboa e Porto durante a campanha eleitoral usavam camisolas como as dos rebeldes argelinos (1) e que um submarino soviético descarregou na mesma altura no nosso péis armas de fabrico checo (1).

Exibem-no todos os dias

Os salazaristas tudo fazem para ultrapassar a mais apertada curva da sua existência. Com esse objectivo e para tornarem simpático o Presidente da República que impuseram à Nação conceberam um plano: exibí-lo diariamente e agendá-lo nas primeiras páginas dos jornais.

O pau-mandado do Tomaz lá vai cumprindo com docilidade a sua ridícula peregrinação: visita asilos e distribui chocolates aos velhinhos, vai às escolas receber raminhos de flores, visita os bairros pobres e acaricia as criancinhas descalças contidas por legionários de mau cariz, etc. etc.

Enfim, Salazar negou ao País um Presidente da República mas deu-lhe em compensação um boneco itinerante.

TRIBUNA DO LEITOR



Indignação na «Secil»

Desde há longos anos que existem na Fábrica de cimentos «Secil» instalações para alojamento do pessoal solteiro ou casado cujas famílias se encontram vivendo longe do local da fábrica. Há cerca de vinte anos a gerência da fábrica resolveu mudar esses alojamentos — por necessitar utilizar aquele espaço para outros fins — para o local onde se encontra o bairro residencial do pessoal operário e trabalhador.

Ora, depois de vinte anos de instalados ali, o pessoal em questão foi agora avisado de que terá de abandonar aqueles alojamentos até 31 de Dezembro do corrente ano, visto que a empresa quer construir naquele local um ginásio (de frente, a poucos metros situa-se o campo de futebol). E assim serão demolidos os alojamentos dos operários sem se considerar a sua substituição.

No dia 22 de Outubro, cerca de 30 trabalhadores moradores nos referidos alojamentos, foram ao escritório protestar contra aquela tão injusta medida: Foram atendidos pela eng. Nielsen (estrangeiro) que se limitou a responder que aquela decisão da gerência era irrevogável.

Tudo o pessoal abrangido por esta medida está indignadíssimo.

Um trabalhador

Grandes negociatas assentes na morte e na dor

Todos lemos angustiados o trágico desastre do hidro-avião «Porto Santo» no passado dia 9 de Novembro. 36 pessoas perderam nele a vida.

Porquê? Foi o desastre algo de imprevisto, de fatalidade que aos homens é impossível de suster? Ou foi o desastre o resultado natural dum situação estranha em que um grande negócio escuro assentia na morte e na dor?

O que ouvimos sobre o assunto obrigados a escrever isto.

Os hidroaviões da ARTOP são antigos hidroaviões militares usados pelos americanos na guerra do Pacífico. A ARTOP comprou-os como sucata por um preço de acordo com a sua inutilidade e uso. Há quem afirme que cada um custou 28 contos. Em Lisboa foram arranjados os interiores para permitir a sua utilização para passageiros.

Do Estado recebeu a ARTOP uma ajuda de 2.000 contos por cada hidro e depois foram eles seguros, cada um, por 4.000

contos.

O «Porto Santo» só voara, depois de arranjado, pouco mais de uma hora antes de seguir para a sua primeira viagem sobre o Atlântico. Um mecânico dos TAP, João Marques Pereira, teve de fazer uma reparação à última hora e seguiu depois no avião, para o que sucedesse. Esse mecânico, que conhecia o estado dos motores do hidro, disse a pessoas conhecidas que DENTRO EM POUCO ESTARIA DE VOLTA. Como informa o «Diário de Notícias», contra o seu costume, o mecânico deixara a chave no seu carro dizendo: «Fica aqui a chave. Pode haver novidade».

A vistoria dos hidroaviões de ARTOP não foi feita porque o responsável se recusou a fazê-la dentro do tempo que lhe propunham para isso. O novo ministro das comunicações, no entanto, despachou autorizando que essa vistoria fosse feita durante o período inicial de 6 meses de carreira já em efectivo serviço.

Passada a tragédia, agora vai-se fazer... um inquérito.

Mas este inquérito não pode esclarecer nada.

Em tais negociatas estão metidos alguns dos responsáveis do regime, dos que mandam fazer o inquérito, e em negociatas deste género está submersa a clique salazarista. Como podem eles deixar que se desmascare esta?

É verdade que 36 vidas se perderam. Sim. Mas... houve quem ganhasse alguns milhares de contos.

Este é o produto dum estado de coisas em que ninguém pode falar, defender a verdade e protestar contra as injustiças e estes «scandalosos e negros negócios».

Um aviador

Palhaçada na «Sapac»

No dia 29 de Outubro o dr. Costa Leite (Lumbrales) visitou as instalações fabris da empresa «SAPEC» em Setúbal.

A gerência desta empresa mandou o pessoal que trabalha nas secções dos minérios, granulação, pesagem, transportes, etc., abandonar o serviço e esconder-se. Ao que parece o motivo dessa manobra foi o de evitar que o visitante visse as más condições de trabalho existentes na fábrica e a pobreza do vestuário usado pelos trabalhadores.

O refeitório também só foi visitado quando os operários o abandonaram para pegarem ao serviço.

Um Setubalense